

PROBLEMAS DE GÊNERO, FEMINISMO E IDENTIDADE EM JUDITH BUTLER

Lara Karoline Portela Santos¹

Edna Maria Magalhães do Nascimento (orientadora)²

RESUMO

Este artigo trata-se do Resultado Parcial de uma Pesquisa de Iniciação Científica da Universidade Federal do Piauí, financiada pelo CNPQ, cujo objeto principal será a discussão direcionada à epistemologia feminista - um campo de estudo que busca compreender como as questões de gênero influenciam a produção do conhecimento e a forma como esse conhecimento é transmitido e valorizado na sociedade. A pesquisa tem com foco os problemas de gênero, feminismo e identidade, tendo como base a obra *Problemas de Gênero- feminismo e subversão da identidade* da renomada filósofa Judith Butler. Butler é considerada uma das principais vozes do feminismo contemporâneo. A filósofa questiona as noções tradicionais de identidade de gênero, argumentando que o gênero não é um atributo natural ou biologicamente determinado, mas sim uma construção social e cultural. A filósofa critica a ideia de que existem apenas dois gêneros, masculino e feminino, e argumenta que o gênero é uma performance que varia de acordo com o contexto social e histórico em que estamos inseridos.

Palavras chave: Gênero. Feminismo. Identidade.

GENDER, FEMINISM, AND IDENTITY ISSUES IN JUDITH BUTLER

ABSTRACT

¹ Estudante de Graduação do Curso de Filosofia. Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/CNPQ- UFPI.

² Pós-Doutorado em Filosofia – Universidad de Navarra(Espanha), Doutora em Filosofia pela Universidade de Federal de Minas Gerais. Docente do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFPI-(PPGFIL). E-mail: magaledna@yahoo.com.br

This article is the Partial Result of a Scientific Initiation Research at the Federal University of Piauí, financed by CNPQ, whose main objective will be the discussion directed to feminist epistemology - a field of study that seeks to understand how gender issues influence the production of knowledge and the way this knowledge is transmitted and valued in society. The research focuses on gender, feminism, and identity issues, based on the work "Gender Trouble - Feminism and the Subversion of Identity" by renowned philosopher Judith Butler. Butler is considered one of the main voices of contemporary feminism. The philosopher questions traditional notions of gender identity, arguing that gender is not a natural or biologically determined attribute, but rather a social and cultural construction. The philosopher criticizes the idea that there are only two genders, male and female, and argues that gender is a performance that varies according to the social and historical context in which we are inserted.

Key words: Gender. Feminism. Identity.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade apresentar alguns resultados parciais de uma pesquisa de Iniciação Científica sobre as temáticas que envolvem as categorias gênero, feminismo e identidade. Trata-se de uma pesquisa teórica de natureza bibliográfica, fundamental para a construção de uma investigação filosófica como a pretendida neste trabalho, ou seja, trazer para o centro do debate a noção de epistemologia feminista e a contribuição de Judith Butler na produção do conhecimento sobre gênero.

Considerando a necessidade de uma discussão direcionada à epistemologia feminista, sobretudo porque este é um campo em desenvolvimento que busca compreender como as questões de gênero influenciam a produção do conhecimento, a forma como esse conhecimento é transmitido e à urgência na superação dos modelos tradicionais de pensar as categorias 'gênero' e 'identidade', a pesquisa analisará os problemas de gênero, feminismo e identidade, tendo como base a obra *Problemas de gênero- feminismo e subversão da identidade* da renomada filósofa Judith Butler.

A epistemologia feminista surge preocupada em investigar o papel do gênero nas diversas atividades epistêmicas. Considera que há um preconceito de gênero infiltrado nas mais variadas áreas do conhecimento humano e que tais preconceitos de

gênero são expressos em “determinadas afirmações e facilitado[s] pelos princípios disciplinares básicos das crenças sociais, muitas vezes distorcidos, quando se trata de relações de gênero” (LONGINO, 2012, p. 506).

Desta forma, a escolha da obra de Judith Butler nesta pesquisa se justifica em virtude da necessidade de superarmos os preconceitos de gênero presente nas atividades epistêmicas, nos libertarmos da matriz dominante heteronormativa e pensarmos os seres humanos numa perspectiva de complexidade, diversidade e de seres sociais livres. Judith Butler é conhecida como uma das principais vozes do feminismo contemporâneo. Suas obras questionam as noções tradicionais de identidade de gênero, argumentando que a categoria gênero não é natural ou biologicamente determinada, mas sim uma construção social e cultural.

Este estudo busca atender adequadamente os seguintes objetivos, numa perspectiva geral, investigar os problemas de gênero, o feminismo e a subversão da identidade na obra de Judith Butler. De maneira específica, busca-se caracterizar e discutir as bases teóricas do pensamento de Judith Butler e a construção de uma epistemologia feminista; questionar a partir das reflexões da filósofa as bases binárias e as estruturas de poder que sustentam a noção de gênero, a noção de performatividade e, por fim, visa analisar os temas da proibição a partir da psicanálise para compreender a produção da matriz heterossexual.

O contexto da pesquisa se insere na preocupação sobre o tema epistemologia feminista que encontrou suporte na obra de Judith Butler, “Problemas de gênero”. A filósofa aborda as teorias de gênero, o feminismo, a identidade e sua análise indica a necessidade da adoção de uma outra matriz de conhecimento que possa alterar significativamente a noção de gênero até então hegemônica culturalmente. A desconstrução das bases binárias de gênero proposta por Butler abre caminho para a multiplicidade de identidades de gênero e para a subversão das normas estabelecidas.

Com base na revisão bibliográfica e na análise da obra de Butler, o artigo foi estruturado visando conduzir as discussões críticas sobre as contribuições da epistemologia feminista para repensar as questões de gênero, feminismo e identidade e repensar inclusive as noções já desgastadas do feminismo. Observa-se neste esforço os desafios e oportunidades que a epistemologia feminista pode oferecer para a produção de um conhecimento sobre a categoria gênero que seja mais inclusivo e diversificado. Butler dialoga com diversas vertentes filosóficas: o existencialismo de Simone

Beauvoir, o estruturalismo na perspectiva de Michel Foucault, o marxismo de Engels, a psicanálise em Freud e Lacan, dentre outros autores.

A partir desses procedimentos metodológicos, cremos ser possível a realização de uma análise crítica e reflexiva da obra de Judith Butler cuja tarefa é a contribuição para uma maior compreensão das complexas interações entre gênero, conhecimento e poder na sociedade contemporânea.

2 PROBLEMAS DE GÊNERO, FEMINISMO E A SUBVERSÃO DA IDENTIDADE NA OBRA DE JUDITH BUTLER

2.1 As bases teóricas do pensamento de Judith Butler e a construção de uma epistemologia feminista

Judith Butler é uma filósofa e teórica feminista conhecida por suas contribuições à teoria queer³ e aos estudos de gênero. Butler discute a construção social dos gêneros e como essa construção pode ser usada para reivindicar novas formas de identidade e subverter as normas de gênero estabelecidas.

A pesquisa realizada, explorou cada parte da teoria de Butler com o destaque em sua obra “Problemas de gênero- feminismo e subversão da identidade”, junto à literatura de outros filósofos e filósofas que contribuem para a construção das ideias da pensadora. A análise do livro "Problemas de Gênero" de Judith Butler se insere em um contexto de produção acadêmica e ativismo feminista que tem como objetivo problematizar e desconstruir as normas de gênero tradicionais, bem como promover a equidade e a diversidade de identidades de gênero na sociedade.

O ponto de partida da discussão deve ser iniciado com a problematização sobre o significado de gênero. Butler reconhece que existe uma circularidade problemática da investigação feminista sobre o gênero, sobretudo porque é

[...] sublinhada pela presença, por um lado, de posições que pressupõem ser o gênero uma característica secundária das pessoas, e por outro, de posições que argumentam ser a própria noção de pessoa, posicionada na linguagem como “sujeito”, uma construção masculinista e uma prerrogativa que exclui efetivamente a possibilidade semântica e estrutural de um gênero feminino (Butler, 2015, p. 27).

³ A Teoria Queer é uma abordagem teórica que desafia as noções tradicionais de identidade sexual e de gênero, questionando a ideia de que estas são categorias fixas e essencialistas. Ela promove a ideia de que a sexualidade e o gênero são fluidos e construídos socialmente, e não determinados biologicamente.

Nesta análise sobre a terminologia da categoria gênero, a autora apresenta as diversas nomenclaturas semânticas do termo que se constituíram na sociedade e no âmbito do movimento feminista e argumenta que “essas discordâncias tão agudas sobre o significado do gênero (se gênero é de fato o termo a ser discutido, ou se a construção discursiva do sexo é mais fundamental, ou talvez a noção de mulheres ou mulher e/ou de homens ou homem)”(Butler, 2015, p.27), são problemáticas desafiadoras para que pensemos de maneira radical as categorias da identidade das relações de gênero.

A filósofa resgata a problemática iniciada por Simone de Beauvoir que a partir de uma perspectiva existencialista considera que,

O “sujeito”, na analítica existencial da misoginia, é sempre já masculino, fundido com o universal, diferenciando-se de um “Outro” feminino que está fora das normas universalizantes que constituem a condição de pessoa, inexoravelmente “particular”, corporificado e condenado à imanência (Butler, 2025, p.28).

Butler escreve que embora Simone de Beauvoir tenha assegurado à discussão do termo mulher enquanto sujeitos sociais no contexto da universalização de direitos, ela também elaborou uma crítica rigorosa à própria descorporificação do sujeito epistemológico masculino abstrato. Ao se atribuir poder a um sujeito do conhecimento com um ser abstrato, projeta-se uma “corporificação renegada e desacreditada na esfera feminina, renomeando efetivamente o corpo como feminino”(Butler, 2015, p.28).

Por está lógica,

A associação do corpo com o feminino funciona por relações mágicas de reciprocidade, mediante as quais o sexo feminino se torna restrito a seu corpo, e o corpo masculino, plenamente renegado, torna-se, paradoxalmente, o instrumento incorpóreo de uma liberdade ostensivamente radical (Butler, 2015, p.25).

Não obstante, a importante análise de Beauvoir sobre a teoria da corporificação, para Butler, com certeza, ela ainda é limitada pela reprodução acrítica da distinção cartesiana entre liberdade e corpo. Butler, concorda que “as associações culturais entre mente e masculinidade, por um lado, e corpo e feminilidade, por outro, são bem documentadas nos campos da filosofia e do feminismo”(Butler, 2025, p. 28), entretanto, a reprodução acrítica da distinção mente e corpo pode nos levar a não reconhecer a hierarquia epistêmica presente nas relações de gênero, bem como, limitar à reflexão a uma visão puramente binária sobre gênero.

Com isso, pode-se dizer que a questão de gênero não pode prescindir da análise da multiplicidade própria das interseções culturais, sociais e políticas em que é construído o espectro concreto das “mulheres”.

Como se observa, a filósofa amplia o significado da identidade de gênero ao argumentar que ,

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor (Butler, 2015, p. 33).

Butler discute como o gênero está intrinsecamente ligado ao poder e à opressão. Ela argumenta que as normas de gênero são usadas para restringir e controlar o comportamento das pessoas e que a subversão dessas normas pode abrir caminho para novas formas de resistência e libertação.

Portanto, quanto ao tema da identidade, indagamos como a autora estrutura o seu pensamento. Poderíamos começar com a identidade antes de discutir a identidade de gênero? A filósofa indaga em que medida as práticas reguladoras de formação e divisão do gênero constituem a identidade, a coerência interna do sujeito, e, a rigor, será o status autoidêntico da pessoa? Em que medida a “identidade” é um ideal normativo, ao invés de uma característica descritiva da experiência? São estas questões que mobilizam as argumentações de Butler.

É significativa a maneira como Butler traz baila à questão de identidade, uma vez que ela não deriva de uma posição essencialista, conforme a autora. Assim, a identidade cultural se constituiu com base em um ideal normativo, orientado por práticas que são reguladoras da divisão dos gêneros. Nesse aspecto, Butler (2015, p.34), problematiza:

Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas

Esta análise tem como consequência à reflexão sobre pessoas que estariam no campo da descontinuidade das normas de inteligibilidade cultural que foram previamente definidas. Dito de outro modo, estes “seres” descontínuos estariam a

margem da inteligibilidade cultural de gênero? Nesta passagem percebe-se a força irônica da narrativa de Butler ao contestar o padrão heteronormativo presente na nossa cultura.

Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só são concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual (Butler, 2015, p. 34-35).

Esta lógica foi denominada por Foucault de ‘práticas reguladoras’ e vão sendo geradas “identidades” dentro do padrão normativo da sociedade, entretanto, é preciso criar oportunidades de se contrapor a este padrão. Butler escreve que a heterossexualização do desejo,

[...] requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea”. A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir”, isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”(Butler, 2025, p. 35).

Se consideramos o gênero uma construção histórica, podemos admitir a presença de limites e objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem do gênero. Podemos também revelar que não existe uma heterossexualidade compulsória e isto significa, nos termos da autora, confrontar a matriz dominante de sexualidade por perspectivas rivais e radicais que contemplem a complexidade da noções de práticas de desejo para além da matriz cultural hegemônica.

Em virtude dessa argumentação, pode-se concluir que a epistemologia feminista proposta por Butler envolve a crítica das estruturas tradicionais de conhecimento, que muitas vezes reforçam as hierarquias de gênero. A filósofa enfatiza que o conhecimento é sempre situado e parcial, e que devemos estar cientes das formas como o gênero influencia a produção e a disseminação do conhecimento. Ela destaca a importância de incluir uma variedade de perspectivas de gênero no processo de produção do

conhecimento e de reconhecer as experiências e trajetórias das pessoas em suas experiências e diversidades sexuais.

Do ponto de vista da análise cultural, Butler resgata a teoria de Friedrich Engels no seu livro *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* para contextualizar a origem da opressão contra o gênero feminino que surge com o advento da propriedade e da divisão social de classes, que por sua vez, gerou também a divisão entre os sexos. Concluiu-se com Engels que, em virtude da organização social do trabalho e do predomínio do modelo patriarcal, as mulheres foram subjugadas e passaram a ocupar um papel de submissão e dependência aos homens. Butler declara que mesmo considerando válidas as ideias estruturalistas e marxistas que identificam o gênero nessa rede de subordinação, a tarefa é justamente formular, no interior dessa estrutura constituída, uma crítica às categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam (Butler, 2015, p.19).

A filósofa questiona a abordagem estruturalista, argumentando que ela tende a reificar e naturalizar as normas de gênero e sexualidade, ignorando as formas mais fluidas e performativas através das quais o gênero é construído e vivenciado.

Portanto, gênero não é uma categoria fixa e universal, as normas de gênero são culturalmente específicas e historicamente contingentes e, por sua vez, não podem ser reduzidas a uma estrutura essencialista ou universal. Ela argumenta que o estruturalismo falha em não reconhecer a diversidade e a multiplicidade de experiências de gênero e sexualidade e, por considerar apenas a influência das relações de poder e das hierarquias sociais na construção das identidades de gênero.

Desta forma, Butler questiona (2015, p.23) “se o gênero é construído, poderia sê-lo diferentemente ou sua característica de construção implica alguma forma de determinismo social que exclui a possibilidade de agência ou transformação?”. Butler insiste na superação tanto de uma visão naturalista do gênero quanto de uma visão determinística.

Por fim, ao invés de adotar uma abordagem estruturalista é proposta uma análise mais crítica e subversiva das normas de gênero, questionando as relações de poder que sustentam essas normas e promovendo uma maior liberdade e diversidade de expressão em relação às identidades de gênero e sexualidade.

2.2 As bases binárias e as estruturas de poder que sustentam a noção de gênero

A filósofa questiona as bases binárias e as estruturas de poder que sustentam a noção de gênero. Butler (2015) busca abrir espaço para uma compreensão mais inclusiva e fluida das identidades de gênero, que permitam a expressão e o reconhecimento de uma ampla diversidade de experiências de gênero. Ela questiona as noções tradicionais de masculinidade e feminilidade, argumentando que essas categorias não são fluidas e permeáveis, uma vez que, a identidade de gênero não deve ser determinada por características biológicas, mas sim por escolhas individuais e sociais.

Assim, ao desafiar as bases binárias de gênero, Butler revela a arbitrariedade das categorias tradicionais de masculino e feminino e a maneira como essas categorias são usadas para restringir e controlar o comportamento das pessoas

A autora questiona se há uma história da dualidade do sexo, uma genealogia das opções binárias e o quanto estas narrativas foram validadas por discursos morais, políticos e científicos.

Haveria uma história de como se estabeleceu a dualidade do sexo, uma genealogia capaz de expor as opções binárias como uma construção variável? Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais?(Butler, 2015, p.22).

A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a “identidade” como tornam equívoca a noção singular de identidade. Conforme Butler “ O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada” (Butler, 2015, p. 42).

Butler questiona a condição dos sujeitos sociais que não se encontram submetidos à visão binária de masculino e feminino, estes sujeitos.

[...] estão dentro dos espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só são concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “feito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual (Butler, 2015, p 42).

A narrativa dominante que foi considerada substantiva do gênero, supõe que homens e mulheres, assim como seus atributos de masculino e feminino, é um exemplo de como o sistema binário é produzido para reproduzir o discurso unívoco e hegemônico do masculino, o falocentrismo, através do silenciamento do feminino e de formas plurais de diversas de sexualidade para não admitir o lugar e as possibilidades da multiplicidade subversiva.

Considerando as restrições binárias que pesam sobre o sexo, Butler apud Wittig⁴ (2015, p. 37) nos afirma que tais restrições atendem aos objetivos reprodutivos de um sistema de heterossexualidade compulsória e, quando, ocasionalmente, ocorre a derrubada desse sistema, inaugura-se um verdadeiro humanismo da “pessoa”, livre dos grilhões do sexo.

2.3 A noção de performatividade em Judith Butler

Butler (2015) argumenta ser preciso desnaturalizar o gênero e, desta feita, enfatizar sua natureza performativa. A autora apresenta a categoria performatividade de gênero para superar o paradigma da visão imutável de ser e da universalidade presente na matriz heteronormativa. Nesse sentido, ela sugere que é possível desafiar e subverter as normas de gênero existentes abrindo caminho para novas formas de expressão de identidades de gênero

Sua teoria avança em relação à outras teorias do campo feminista quando adota a noção de performatividade do gênero, ou seja, a ideia de que o gênero é uma performance que é constantemente realizada e contestada pelos indivíduos em suas interações sociais.

[...]se os atributos de gênero não são expressivos mas performativos, então constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressariam ou revelariam. A distinção entre expressão e performatividade é crucial. Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma

⁴ Monique Wittig foi uma escritora francesa e teórica do feminismo particularmente interessada em superar a noção de gênero e o contrato heterossexual. Publicou seu primeiro romance, *L'opoponax*, em 1964. Seu segundo romance, *Les Guérillères*, foi considerado um marco no feminismo lésbico. Wittig é uma grande influência para Judith Butler. Entretanto, Butler diz que há uma "metafísica da presença" na teoria de Wittig, sugerindo que ela pressupõe um sujeito pré-discursivo e humanista – uma ideia que Butler rejeita e a nomeia de essencialista.

identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora (Butler, 2015, p.188).

Nesse sentido, como a noção de gênero não é algo natural ou fixo, mas sim uma construção social e cultural que é constantemente recriada e reforçada através de práticas discursivas, estas práticas justificam as performances de gênero. Então, o que caracteriza o gênero não é uma essência biológica ou intrínseca, mas sim uma performance social que é repetida e reafirmada por meio de práticas cotidianas. Nessa direção a autora escreve:

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (Butler, 2015, p. 188).

Butler (2015) apresenta o conceito de performatividade de gênero para argumentar que o gênero não é uma identidade inata, mas sim uma construção social que se manifesta através de ações, gestos e performances repetidas. Em outras palavras, “o gênero não é algo que se tem, mas algo que se faz, através da repetição de normas e expectativas” (Butler, 2015, p 42). Essa estratégia performativa nos coloca diante da possibilidade de configurações de gênero fora da esfera da dominação masculina e da matriz da heterossexualidade compulsória.

Com essa possibilidade, Butler subverte a lógica da ideia de que existem apenas dois gêneros, masculino e feminino, e argumenta que o gênero é uma performance que varia de acordo com o contexto social e histórico em que estamos inseridos. Em vez de ver o gênero como uma estrutura social predefinida e estática, Butler argumenta que o gênero é uma construção social que é constantemente produzida e reproduzida através de práticas discursivas e performances de gênero.

Em suma, Butler desenvolve sua teoria a partir dessa crítica às noções tradicionais de gênero, reforçando o questionamento sobre a representação social e cultural que o fixou nas dimensões natural, biológica e imutável. Para a autora, o gênero não é uma característica inata, mas sim uma construção social e cultural que se baseia em práticas discursivas e performáticas.

2.4 Os temas da proibição a partir da psicanálise para compreender a produção da matriz heterossexual.

O sistema que mantém as bases binárias da “identidade” de gênero foi teoricamente explorado pela psicanálise (Freud, Lacan), sobretudo, o papel moral da proibição como ferramenta para a manutenção da matriz heterossexual. Butler, buscou compreender como a proibição influencia a produção da matriz heterossexual e a construção das identidades de gênero na sociedade contemporânea. Para Butler, tanto Freud como Lacan contribuíram para uma compreensão mais complexa e subversiva das relações entre gênero, poder e subjetividade, questionando as formas tradicionais de pensar e vivenciar a identidade de gênero.

Pode-se deduzir, conforme Butler(2015), que o status de proibição primária opera mais eficazmente e menos contingentemente do que a noção de prática reguladora defendida por Foucault ou a descrição materialista de um sistema de opressão. Nesse sentido, a filósofa defende a importância da análise psicanalítica para compreender a formação das identidades de gênero e sexualidade. Ela argumenta que a proibição e a internalização de normas sociais desempenham um papel significativo na produção da matriz heterossexual.

Através da psicanálise, é possível investigar como essas proibições influenciam os indivíduos na conformação de suas identidades e na adesão a determinadas normas de gênero e sexualidade. A partir da crítica radical à matriz heterossexual e a consequente normatividade de gênero, Butler problematiza este sistema normativo que tem a heterossexualidade como o padrão dominante de orientação sexual e de relacionamento afetivo. A proibição das expressões (entendida como experiência de ser) de gênero que não estão em conformidade com o padrão normativo, reforça a manutenção da matriz heterossexual e limita a diversidade de identidades de gênero.

Em sua argumentação, amparada na Psicanálise, Butler revela que a proibição de determinadas expressões de gênero, associadas a estereótipos binários e heteronormativos, influencia a construção das identidades de gênero dos indivíduos. O processo de internalização dessas proibições pode resultar em formas de subjugação e violência simbólica contra as identidades não padronizadas.

A análise psicanalítica, aliada às reflexões de Butler, permite compreender como as proibições sociais moldam as identidades de gênero e a sexualidade, reforçando ou contestando a matriz heterossexual. Nessa direção, “o ideal do eu serve assim como

agência interna de sanção e tabu, a qual, segundo Freud, atua para consolidar identidades de gênero por meio da reorientação e sublimação apropriadas do desejo”(Butler, 2015, p. 90). Em sua interpretação da psicanálise de Freud, Butler escreve:

Como conjunto de sanções e tabus, o ideal do eu regula e determina as identificações masculina e feminina. Considerando que as identificações substituem as relações de objeto e são a consequência de uma perda, a identificação de gênero é uma espécie de melancolia em que o sexo do objeto proibido é internalizado como proibição. Essa proibição sanciona e regula identidades de gênero distintas e a lei do desejo heterossexual (Butler, 2015, p. 91).

No entanto, se as proibições sociais das expressões de gênero podem reforçar ou mesmo contestar a matriz heterossexual, pois as interações sociais são dialéticas, então o modelo de uma sexualidade mais difusa pode servir como alternativa singular e de oposição à estrutura hegemônica da sexualidade. Será mesmo possível que a relação binária esteja fadada a reproduzir-se interminavelmente? A filósofa pergunta: “Que possibilidades existem de ruptura do próprio binário oposicional?” (Butler, 2015, p. 47).

No diálogo com a obra de Freud, Butler explora o tema ‘melancolia de gênero’ e sua relação com a psicanálise. Ela propõe uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder e as normas sociais que moldam e limitam a expressão de identidades de gênero diversas e plurais. A análise diante do “Eu e o id”, contribui para uma compreensão mais complexa e subversiva das relações entre gênero e mais eficazes para subverter as formas tradicionais de pensar e vivenciar a identidade de gênero (Butler, 2015, p. 91). Tem-se em destaque a importância de desconstruir essas normas e proibições para abrir espaço para a pluralidade de experiências de gênero e sexualidade.

No cerne da discussão freudiana sobre o complexo de Édipo, Butler(2015, p. 92), argumenta que,

[...] a resolução do complexo de Édipo afeta a identificação de gênero por via não só do tabu do incesto, mas, antes disso, do tabu contra a homossexualidade. O resultado é que a pessoa se identifica com o objeto amoroso do mesmo sexo, internalizando por meio disso tanto o objetivo como o objeto do investimento homossexual. As identificações consequentes à melancolia são modos de preservação de relações de objeto não resolvidas e, no caso da identificação de gênero com o mesmo sexo, as relações de objeto não resolvidas são invariavelmente homossexuais (op.cit., p.92).

Butler questiona as formas como as normas de gênero são internalizadas e reproduzidas inconscientemente, influenciando a forma como os indivíduos se percebem e se relacionam com o mundo. Em seu ensaio "Melancolia de gênero", Butler investiga a noção de melancolia e seu impacto na construção e desconstrução das identidades de gênero. Ela argumenta que a teoria psicanalítica de Freud, principalmente a noção de "identificação com o agressor", pode ser interpretada como uma forma de melancolia, onde os indivíduos internalizam e reproduzem normas de gênero que são opressivas e repressivas. Ela aponta que a reprodução dessas normas pode levar a um estado de melancolia, onde os indivíduos sofrem com a perda de identidades alternativas e mais fluidas.

A autora considera que o trabalho de Jacques Lacan avança em relação à psicanálise de Freud porque é possível localizar, nos escritos de Lacan, uma crítica menos determinística quanto às normas de gênero e uma reflexão dialética sobre a forma como essas normas são construídas e internalizadas pelos indivíduos.

A perspectiva alternativa sobre identificação que emerge da teoria psicanalítica sugere que as identificações múltiplas e coexistentes produzem conflitos, convergências e dissonâncias inovadoras nas configurações do gênero, as quais contestam a fixidez das posições masculina e feminina em relação à lei paterna. Com efeito, a possibilidade de identificações múltiplas (que finalmente não são redutíveis a identificações primárias ou fundadoras, fixadas em posições masculinas e femininas) sugere que a Lei não é determinante e que “a” lei pode até não ser singular (Butler, 2015, 95).

Judith Butler e Lacan, concordam com o processo de formação das identidades de gênero, especialmente, no que diz respeito à sua construção social e simbólica. A autora se baseia nas teorias sobre o sujeito e o desejo para questionar as normas de gênero e a forma como elas são internalizadas e reproduzidas pelos indivíduos.

Retomando Lacan, o sujeito é formado a partir de uma série de identificações e significantes que o colocam em relação com o Outro, ou seja, com o mundo social e simbólico. Essas identificações moldam a subjetividade e influenciam a forma como o sujeito se percebe e se relaciona com os outros. Butler, de forma evidente, expande esse conceito ao aplicá-lo à construção das identidades de gênero, reforçando que não é algo natural ou pré-existente, mas sim uma performance social. Ela propõe que o gênero é uma construção discursiva que é repetida e reiterada ao longo do tempo, resultando em normas rígidas que limitam as possibilidades de expressão e identificação dos indivíduos.

Assim, Butler joga uma importância considerável na linguagem e nos significantes na formação das identidades de gênero, quando reitera que as normas e expectativas sociais são internalizadas e reproduzidas inconscientemente. Ela questiona a rigidez das categorias binárias de gênero e propõe uma abordagem mais fluida e subversiva, que permita a expressão de identidades de gênero diversas e plurais. A concordância entre Butler e Lacan está centrada na crítica das normas de gênero e na reflexão sobre a forma como essas normas são construídas e internalizadas pelos indivíduos. Ambos os autores contribuem para uma compreensão mais complexa e subversiva das relações entre gênero, poder e subjetividade, questionando as formas tradicionais de pensar e vivenciar a identidade de gênero.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise do livro "Problemas de Gênero" de Judith Butler foi destacado a relevância e a complexidade das questões de gênero na sociedade contemporânea. Através de uma abordagem crítica e reflexiva, Butler desafia as concepções tradicionais de gênero e identidade, propondo uma epistemologia feminista que problematiza as normas, estereótipos e hierarquias de gênero que perpetuam as desigualdades sociais. É evidente que a epistemologia feminista proposta por Butler oferece ferramentas teóricas e políticas para resistir às normas de gênero opressivas e para transformar as estruturas de poder que sustentam as desigualdades de gênero. A relevância de seu trabalho para os movimentos feministas contemporâneos é inegável, ao fornecer bases sólidas para a luta por direitos iguais, pela inclusão e pelo empoderamento das mulheres e de todas as identidades de gênero.

Judith Butler se destaca como uma das principais teóricas contemporâneas da teoria queer e da teoria feminista, trazendo contribuições fundamentais para a compreensão das relações de poder, das práticas de identidade e das representações de gênero.

Sua obra desafia as concepções binárias e essencialistas de gênero, propondo uma visão mais fluida e performativa das identidades de gênero. Sua teoria nos convida a repensar as questões de gênero, feminismo e identidade, e nos desafia a desconstruir as normas e expectativas de gênero que limitam a liberdade e a igualdade de indivíduos. Ao reconhecer a performatividade e a contingência das identidades de gênero, é possível avançar em direção a uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva, onde

todas as pessoas possam viver plenamente suas identidades de gênero com dignidade e respeito.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. O segundo sexo: fatos e mitos. 3 ed. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero – Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

ENGELS, Friedrich. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. Editora Civilização Brasileira, 2010

FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.

LONGINO, H. . Epistemologia Feminista. In: GRECO, J.; SOSA, E. Compêndio de Epistemologia. Tradutores Alessandra Siedschlag Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2012.